SIDNEY FERNANDES
HERDEIROS DE NÓS MESMOS
ROMANCE ESPÍRITA
CEAC
EDITORA

Apresentação

VENTOS DO ALÉM

E os ventos sopraram do além.
Era como se os fantasmas tivessem voltado exigindo justiça.

Quando se fala em holocausto, o mundo recorda-se dos milhões de judeus exterminados durante a segunda guerra mundial. Muitas outras tragédias, no entanto, com os mesmos requintes de racismo e brutalidade, permanecem no desconhecimento ou na indiferença.

Em 1885, mais do que uma colônia belga, o Congo se transformou em propriedade pessoal do Rei Leopoldo II, que obrigava congoleses a trabalhar em plantações e minas. Quem não atingia sua meta de obtenção de ouro ou marfim era açoitado, tinha suas mãos e pés amputados ou era morto.

Etíopes foram atacados, em 1936, por forças armadas que se utilizaram de gás venenoso. Os horrores sofridos pelas populações de Nanquim e Manila, nas décadas de 1930 e 1940, foram monstruosos crimes contra a humanidade. E inumeráveis outros povos foram vítimas de crimes, carregados de preconceito racial, dos quais, hoje, os descendentes dos autores não têm exatamente qualquer orgulho.

Pouca gente conhece, todavia, o genocídio perpetrado no início do século XX contra os nativos africanos das tribos dos hererós e namaquas, onde hoje se localiza a Namíbia, durante a chamada Partilha da África, pelos povos europeus.

Ninguém sabe o número exato de vítimas, mas calcula-se que por volta de cem mil pessoas foram torturadas, envenenadas e mortas, com a dizimação da quase totalidade dos donos das terras daquela região africana.

E esse aniquilamento teria se perdido na noite dos tempos, não fossem os ventos que assolaram a Ilha de Shark, um dos primeiros campos de concentração para onde foram levados os nativos e onde morreram de inanição, trabalhos forçados, doenças ou simplesmente por execução. Quem chegava a Shark Island, de lá não saía vivo.

Atualmente a Ilha Shark — situada no sudoeste da Namíbia — é um local turístico. Os nativos que morreram nesse local foram esquecidos e estavam quase apagados da lembrança.

No entanto, os ventos sopraram para longe as areias e apareceu uma enorme quantidade de ossadas, revelando o local de suas mortes horrendas. Esse aparecimento reavivou a tragédia vivida por hererós e namaquas. Muitos dizem que os espíritos dessas vítimas não descansaram e voltaram para, com seus ossos, clamar por justiça e dignidade.

Este livro narra a história de um dos bravos lutadores dos direitos do povo namibiano, com os olhares da humanidade e do mundo dos espíritos.

Introdução

ELES ESTÃO DE VOLTA

Os Espíritos maus farejam as chagas da alma,
como as moscas farejam as chagas do corpo.
Allan Kardec

O que acontece com as vítimas de perseguições, torturas e assassinatos, quando chegam de volta ao plano espiritual?

Alguns desses irmãos, desarvorados, permanecem por tempo indeterminado em tenebrosas regiões espirituais.

Outros, de índole pacífica e condescendente, prosseguem em suas jornadas evolutivas e consideram seus desafetos como enfermos, deixando que se entendam com a justiça divina.

Outros, ainda, reencarnam com o objetivo precípuo de fazer justiça com as próprias mãos, empenhados em combater os inimigos e seus povos, imantando-se a eles, infiltrando-se em suas raízes, com a finalidade de lhes provocar os mesmos medos, as mesmas dores e as mesmas humilhações de que foram vítimas.

Transformam-se em verdadeiros agentes das trevas, que aliciam e convertem simpatizantes em análogas situações, portadores dos mesmos sentimentos de ódio e de vingança. Não desistem de seus intentos e seus sonhos tenebrosos os distanciam cada vez mais das luzes de Deus.

Tornam-se ardorosos seguidores de ideologias políticas, sociais e religiosas, que representam núcleos de poder, alastrando-se por pontos geográficos, os mais amplos possíveis, de preferência nos centros econômicos e culturais de maior projeção mundial. Galgam altos escalões hierárquicos e passam a influenciar acontecimentos e largos segmentos da sociedade.

***

Certas impurezas de nosso corpo perispiritual somente são liberadas com o filtro da reencarnação, cujo tempo restaurador corresponderá ao tempo da culpa deliberada.

O Espiritismo esclarece que a dor, a carência, a deficiência e os duros trabalhos de reajuste despertam, mas não renovam. A evolução somente acontecerá por intermédio da introspecção e da mudança interior.

No entanto, mesmo as mais arraigadas entidades inferiores, de grande viciação mental e agentes de padecimentos atrozes contra seus inimigos, não estão desamparadas. Mesmo chafurdadas na lama que criaram, não lhes faltam o apoio e o redirecionamento de espíritos superiores.

Se souberem escutá-los, poderão encontrar seu norte, redirecionar suas jornadas infelizes, levantar seus ânimos e se guiar para a senda do bem. Se, no entanto, se mantiverem indiferentes aos chamados e orientações, serão relegados à própria sorte, arcando com as responsabilidades de suas defecções.

Bastará, no entanto, que se disponham a clamar humildemente pela presença de seus protetores, para que estes retornem e voltem a protegê-los, pois qualquer espírito, por mais baixo que se revele na escala da evolução, possui, não longe, alguém que o ama e o impele à elevação.

Outono de 2019

1948@uol.com.br
Sidney Fernandes Bauru

Prólogo

Uma parte da história da humanidade é ainda desconhecida da maioria das pessoas. Ela retrata o sofrimento de muitos povos que foram torturados e mortos por nações que se consideravam de raças superiores, cuja prepotência revestia-se de desprezo étnico.

Descendentes desses sofridos povos querem a reparação social, moral e financeira, para que se faça um mínimo de justiça, diante das humilhações sofridas por seus antepassados e para que tais barbáries jamais venham a acontecer novamente.

Dos vários holocaustos ocorridos em tempos mais recentes, destacou-se um ardoroso jovem, cuja voz ressoou para chamar a atenção do mundo para os tristes momentos vividos por seus ancestrais, naquele que pode ser considerado o primeiro crime contra a humanidade ocorrido no século XX. A vingança e a reparação dos danos físicos e morais sofridos tornaram-se obstinadamente seus objetivos.

Como veem, os protetores da Terra, essas reinvindicações que, se por um lado são lídimas, por outro estão carregadas de ódios, ressentimentos e desejos de vingança?

É o que veremos a partir de agora, nos relatos das difíceis experiências vivenciadas por nossos personagens.

Primeira parte

1 – Vó Tásia

Uma sala quase às escuras. Somente o crepitar do fogo na lareira quebrava o contraste e mostrava os contornos do rosto de tez escura da velha Tásia, modestamente coberta por uma bata de lã. A cabeça, com abundantes madeixas de cabelo branco, recostava-se no espaldar da antiga poltrona em que estava sentada.

As labaredas vermelhas iluminavam parcialmente sua vincada face, enquanto aguardava, pacientemente, a chegada das sombras que, naquele horário, costumavam visitá-la e destacavam-se das bruxuleantes luzes que emanavam dos pedaços de lenha encobertos pelo borralho.

De dez anos para cá, esta era a sua rotina. A princípio, pensara que o aparecimento dessas entidades estaria prenunciando a sua breve partida para o plano espiritual. Com o passar do tempo, no entanto, entendeu que haviam lhe dado mais algum tempo aqui na Terra e queriam lhe noticiar uma missão ainda a ser cumprida, embora lhe pesassem os anos vividos por quase oito décadas.

Enquanto aguardava o aparecimento de seus visitantes, Tásia passou a rememorar os fatos momentosos de sua vida, desde os sofrimentos que se iniciaram quase oitenta anos atrás, quando o seu povo passou a conviver com odientos invasores.

Os intrusos deslocaram-se da Europa para ocupar suas terras, tomar seus rebanhos e violar suas mulheres. Embora recordasse com tristeza as dores sofridas, os tempos maus finalmente findaram e agora era o momento de

buscar a reparação dos danos, ainda que parcial, e recuperar a dignidade de sua gente tão sofrida.

Ela não tinha mais idade para isso, mas talvez as entidades que passaram a visitá-la insistentemente, com as quais já havia se acostumado, e com quem ela já até travava alguns diálogos mentais, ali estivessem em busca de suas memórias.

Embora Tásia houvesse nascido em território inglês, era como se tivesse, dentro do ventre de sua mãe, experimentado todo o drama de seus ancestrais africanos. Os relatos minuciosos que ouvira, durante toda a vida, incutiram-lhe o dever de testemunhar as verdades de que somente ela e poucos sobreviventes de sua época tinham conhecimento.

2 – Samuel

Se antes Naomi queria fazer uma surpresa para Samuel, na conferência de lançamento de seu livro, agora era ela que estava admirada com o comparecimento de autoridades, não somente da Universidade de Berkeley, São Francisco, Califórnia, promotora do evento, como também de pessoas procedentes de outras partes dos Estados Unidos.

Ali estavam repórteres, intelectuais, professores, alunos e ativistas da causa africana. Não obstante jovem, Samuel Blake, 24 anos, havia construído uma carreira sólida e adquirido status de combativo líder.

Misturada com a multidão que ali comparecia, Naomi constatava, naquele momento, que os ideais bravamente defendidos por seu amado companheiro haviam alcançado grande repercussão, espalharam-se e encontraram adeptos

de suas revelações.

Feliz, porém absolutamente sério e concentrado, Samuel iniciou a sua palestra.

— Que direito tem um continente de invadir outro continente, em pleno século XX?

O auditório do campus principal da Universidade da Califórnia, repleto de interessados naquele momentoso tema, sabia bem do que o escritor e orador estava falando. Muito antes do seu lançamento literário, a reputação do jovem Samuel correra a mídia, como potente voz defensora dos direitos do povo da atual Namíbia, do qual ele se orgulhava ser descendente.

Pelos controles de comparecimento daquele evento, poder-se-ia constatar a presença de representantes de quase todos os quatorze departamentos da Berkeley da Baía de São Francisco, mormente os ligados às áreas da educação, jornalismo, direito, letras e ciência, recursos naturais, saúde pública, bem-estar social e políticas públicas.

Sabiam que o orador estava se referindo ao primeiro genocídio do século XX, perpetrado por uma das nações que invadiram regiões da África, depois da partilha realizada na Conferência de Berlim, entre 1884 e 1885.

Não por acaso, a mais seletiva das universidades americanas, a centenária Berkeley, com dezenas de prêmios Nobel e Oscars, se propusera a se tornar palco e propulsora das revolucionárias ideias daquele jovem inglês, de ancestralidade africana.

3 – Hererós e Namaquas

Entre a década de 1880 e a primeira guerra mundial, iniciada em 1914, vários países da Europa reivindicaram o direito de explorar regiões da África, que seria partilhada entre as novas potências coloniais. Na Conferência de Berlim, ficou decidido que a Alemanha teria direito de explorar a região onde fica hoje a Namíbia.

Estimulados pelo governo alemão, colonos foram para a África para começar uma nova vida. Naquela região, porém, as terras férteis eram raras e já estavam ocupadas pela população nativa local, os povos hererós e namaquas, que conheciam as suas características desérticas e sabiam para onde levar o gado para se alimentar. Os alemães simplesmente apossaram-se das propriedades e do gado dos nativos, expulsando-os.

Entre 1903 e 1904, as tribos revoltaram-se. A partir daí os alemães começaram a cogitar da possibilidade de criar reservas e forçar os indígenas a viver nelas. Outros simplesmente resolveram usá-los como escravos e ainda outros entenderam que a melhor solução seria o extermínio dos povos hererós e namaquas.

Embora o Ministério dos Negócios Estrangeiros Coloniais Alemão quisesse derrotar os nativos mais aguerridos e negociar uma solução política com os demais, a decisão que se impôs foi, realmente, a de esmagar qualquer resistência dos povos africanos.

Sem condições de lutar contra os soldados profissionais alemães, muitos nativos fugiram para o território que hoje se denomina Botswana, na época dominado pelos ingleses. Outros fugiram para o deserto do Kalahari.

A maioria morreu de sede ou intoxicada, pois os alemães envenenaram os poucos poços de água da região, com o objetivo de exterminá-los.

Empresas alemãs situadas na África absorveram muitos deles, como escravos. Surgiram ali os centros de extermínio, palcos de desnutrição, excesso de trabalho e execuções.

A Alemanha se defendeu de suas atrocidades, veiculadas pela imprensa mundial, com a declaração de que os nativos não poderiam ser protegidos pela Convenção de Genebra, que define os direitos humanos, porque eles *não eram humanos de verdade, mas sub-humanos.*

Com isso, os sobreviventes acabaram sendo encaminhados para campos de concentração, como o de Shark Island, o primeiro campo de extermínio do mundo. Nesses campos, os hererós e namaquas foram aprisionados e escravizados e as mulheres violentadas. Quem não morria de fadiga, morria espancado, inclusive mulheres e crianças, ou simplesmente enforcado, sem qualquer motivo. Os campos de concentração foram criados com o objetivo expresso de exterminá-los.

Muitas crianças nasceram de pais alemães e mães hererós, embora os alemães quisessem que seus soldados evitassem o contato com as mulheres nativas, por razões étnicas, em nome de uma suposta superioridade da raça alemã.

A grande maioria dos atuais ativistas são descendentes diretos dos hererós. Nosso jovem e combativo Samuel é um deles.

4 – Saulo ou Filho do Trovão?

Antes de prosseguirmos com a descrição da conferência de Samuel, no lançamento do livro que condensa sua luta, suas ideias e ideais, falemos um pouco do espírito de luta que alimenta suas ações, desde a infância.

De onde veio essa coragem, valentia e perseverança? Como surgiu esse destemor e propensão à luta e à defesa de seus direitos e de seus antepassados? Da mesma fonte étnica que deu início à resistência da nação africana? Da bravura que instigou os povos hererós e namaquas a se insurgirem, mesmo sem armas e profissionalismo de guerra, contra seus invasores? Do mesmo destemor que caracterizou a população nativa, ao demonstrar seu descontentamento contra a escravidão e a insubordinação diante de um inimigo de forças muito superiores aos povos africanos?

***

Teremos que recorrer, caro leitor, à análise comparativa com outro ardoroso jovem, extremamente zeloso com as leis do judaísmo, cuja energia estava assestada no combate ao cristianismo.

O jovem Saulo, 30 anos, portava, como Samuel, virilidade e beleza, temperamento indomável, agudo e resoluto, e reprimia aquelas atividades que considerava perniciosas, oriundas dos seguidores de um pobre carpinteiro, no seu modo de ver, obscuro, inculto, originário da Galileia. O perigo residia na liderança de Jesus, que havia convertido centenas de pessoas, como verdadeiro ídolo.

Sendo Paulo áspero e enérgico, suas concepções não

admitiam meio termo e o desagradavam quaisquer expressões de divergência com suas convicções. Considerava o Cristo um impostor, assim como Samuel julgava e condenava Leutwein e Trotha, no seu modo de ver, os mentores do holocausto que atingira seus ancestrais.

Na estrada para Damasco, quando para lá se dirigia para algemar, prender, atormentar e talvez até matar Ananias — que o salvou, a mando de Jesus, da cegueira —, Saulo recebeu o apelo de Jesus, para que passasse a segui-lo e a pregar a sua palavra.

A mensagem do Evangelho poderia ser sufocada e perecer nas cercanias do Mar Mediterrâneo, não fora a extraordinária veiculação que o convertido Paulo de Tarso a ela imprimiu, dando-lhe caráter de universalidade.

Quem toma conhecimento, porém, dessa conversão, indaga-se:

— Por que o Cristo foi convocar um moço apaixonado e caprichoso, ferrenho defensor da Lei de Moisés? Qual a razão de aparecer para um perseguidor político-religioso, que não vacilava em torturar e matar, quando concluía que essas medidas extremas eram necessárias e oportunas? O moço de Tarso parecia mais um rochedo áspero, portador de um coração impulsivo e envenenado, um louco incapaz de ser piedoso diante de mulheres indefesas e crianças misérrimas. Por que motivo Jesus o escolhera?

Para tentar responder essas seculares perguntas, teríamos que conhecer o que o Cristo sabia e nós, até hoje, apenas podemos deduzir. Muito provavelmente, de longa data Jesus havia detectado no futuro rabino Saulo a energia, a determinação e a inflexibilidade, capazes de serem transformadas em lealdade e sinceridade incondicional-

mente consagradas ao serviço da mensagem cristã.

Jesus fechou os olhos para os espinheiros ingratos, estendeu suas mãos divinas sobre aquela ovelha perdida e a transformou no gigante do Evangelho, que a ele se entregou para sempre.

***

Dois discípulos de Jesus eram chamados de *Filhos do Trovão:* João e Tiago, que tinham caráter impulsivo e agressivo. Certa feita, quando transitavam pela Samaria ao lado de Jesus, por não encontrarem quem os abrigasse, perguntaram ao Mestre se poderiam evocar o fogo do céu para queimar os infiéis.

Jesus deve ter estranhado o caráter belicoso dos seus dois seguidores, pois os repreendeu dizendo que ele não tinha vindo para destruir, e sim para salvar os homens.

***

Seria Samuel um Saulo ou um *Filho do Trovão,* do século XX, que poderia se converter num Paulo de Tarso dos nossos tempos?

A sua atitude de *boi bravo* teria sido considerada pelos mandatários da espiritualidade, para aproveitar o seu ímpeto, a sua determinação, a sua intensidade e veemência na defesa da honra de seus ancestrais, para redirecioná-lo a projetos de maior envergadura e importância aos olhos da vida maior?

Com certeza, sem a menor sombra de dúvida...